

JOSÉ DO CANTO VIVO

por
FERNANDO AIRES M. SOUSA

A Correspondência de José do Canto

De José do Canto — importante homem de negócios do século XIX açoriano, bibliófilo ilustre, notável colecionador de plantas — nos propomos falar aqui. O *Plínio o Moço* dos Açores, lhe chamava António Feliciano de Castilho, seu amigo e seu compadre. Alguns traços da sua natureza íntima serão o tema deste apontamento, capítulo primeiro de um trabalho mais vasto que intitulámos *José do Canto Vivo. Subsídios para a História Micaelense*.

A maior parte da Correspondência de José do Canto tem jazido esquecida no pó da nossa Biblioteca Municipal, ou guardada nas gavetas de particulares, praticamente por desbravar. Dadas a público, que saibamos, apenas as *Cartas Particulares do Sr. José do Canto aos Srs. José Jácome Correia e Conde de Jácome Correia*, Ponta Delgada, 1915, coligidas por Aires Jácome Correia. Sabíamos que o ilustre historiógrafo e musicólogo micaelense, Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, empenhado em acautelar alguma dessa correspondência, obtivera autorização de uma senhora da Família Canto para entregar em mãos do então zelador da nossa primeira Biblioteca, Jão de Simas, uma parte daquele espólio — o que efectivamente fez. Sabíamos também que outra parte, assaz volumosa, dera

entrada nos depósitos da mesma biblioteca juntamente com a Livraria adquirida à Família pela Junta Geral após a morte do último filho de J. do Canto, Margarida Canto Hintze Ribeiro, conforme o estipulado no testamento do seu proprietário¹. E era tudo o que sabíamos. Tomámos, então, a resolução de conhecer esta documentação — e assim nasceu o referido trabalho do qual seleccionámos o capítulo que se segue.

José do Canto íntimo

Penetrar numa correspondência e esperar evocar por meio dela um mundo já passado de sentimentos, de realidades fluidas, de acontecimentos diluídos no tempo, exige um paciente e delicado labor da dedução, da imaginação e da experiência pessoal vivida, além de uma espécie de empatia raramente bem conseguida. E mesmo que no fim se obtenha algum trigo de razoável qualidade nesta seara extremamente vasta e complicada que é a vida, a verdade é que a realidade é demasiado rica e instável para ser traduzida pelos quadros esquemáticos das nossas representações. É esta, aliás, a contingência de toda a ciência que se faz. Bem ousado é, pois, o propósito de quem quer reconstituir as parcelas de um tempo que nos foge por entre os dedos, mesmo tendo em conta os documentos espalhados pelos arquivos, os jornais da época, os testemunhos das pessoas — que tudo isto consultámos.

Rico proprietário micaelense, José do Canto nasceu em Ponta Delgada a 20 de Dezembro de 1820 e nesta cidade faleceu a 10 de Julho de 1898. Os seus restos mortais repousam na Igreja de Nossa Senhora da Vitória — vulgo Ermida José do Canto — que fez edificar nas margens da Lagoa das Furnas, em resultado de um voto feito por ocasião de uma grave enfermidade de sua mulher.

¹ V. Nota 1 do Apêndice.

Era filho do Morgado José Caetano Dias do Canto Medeiros e de sua primeira mulher, D. Margarida Isabel Botelho. Após as Letras Elementares² frequentadas na sua terra natal, foi mandado para o colégio de Fontenay-aux-Roses, Paris, que na década de 1830 era governado por um religioso português, Frei José da Sagrada Família. Porém, pouco tempo se demorou em França nessa fase da sua vida. De regresso à sua ilha, decerto não descurou os estudos nos dez anos que se seguiram, pois que aparece, em 1840, matriculado em Coimbra, na Faculdade de Matemática³. De qualquer modo, também por lá se não demora. Segundo parece, por influência de seu pai — que via ameaçado, pela prolongada ausência, o casamento com a rica herdeira que desejava para seu filho — interrompeu o curso e voltou para S. Miguel onde, com efeito, casou em 1842 com D. Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira, de família faialense, por via paterna, herdeira de vastas propriedades nas ilhas do grupo central.

«Alto, desempenado, com a cabeça sempre erguida como Pompeu», eis como o descreve Augusto Loureiro seu contemporâneo. «Marchava com o passo aberto e rápido da actividade corajosa. A sua physionomia tinha os tons graves da delicadeza; (...) lábios desfranzidos n'um semi-sorriso perenne, não dos sorrisos sardónicos de Gavarni, mas sorrisos de afabilidade acariciadora»⁴.

Com efeito, devia impor-se por algo que vinha não só da sua posição social e da sua fortuna pessoal, recomendações que muito pesam em todos os tempos, mas também pela distinção de cavalheiro educado, instruído, inteligente. O mencionado cronista da *Actualidade*, descontados os exageros da imagem literária e da intenção de agradar, ajuda-nos a concretizar este

² Por uma carta de Pedro Jácome, sabemos que foi aluno do Padre João José d'Amaral (V. Cx. n.º 1 da Correspondência de J. do Canto Vivo — Biblioteca Municipal de Ponta Delgada).

³ V. Júlio de Castilho, *Memórias de Castilho*, 2.ª edição, vol. V, p. 164, Coimbra, Imp. da Universidade, 1932.

⁴ V. «A Actualidade,» n.º 59 de 20/Nov./1898.

perfil quando relata o seu encontro com José do Canto em 1876, na esplanada do primitivo Coliseu dos Recreios de Lisboa: «Tinha elle chegado, ou partia para Paris, n'aquelle dia. A sua figura esbelta e traje *comme il faut*, o seu rosto alegre e franco, emoldurado n'uma cabeleira e barbas louras, caracterizando-o de raças typicas do norte, para logo aguçou a curiosidade dos assistentes. Durante duas horas passeiámos ao longo da esplanada (...) emmaranhados num cavaco animado em que José do Canto, com aquella sua palavra vibrante, fluente, pitoresca, incisiva, tal a do seu estylo escrito, falava alto como quem não ocultava reservas de consciência. Quando elle se despedio, um amigo acercando-se de mim, perguntou-me quem era aquelle personagem que, dizia elle, se salientava no amálgama dos typos que compunham a vulgaridade indígena. No dia seguinte o *high-life* do Diário Illustrado noticiava lisongeiramente a passagem de José do Canto por Lisboa»⁵.

Este episódio assim contado, retrata-nos, quase no estilo queiroziano, um José do Canto irmão gémeo de Carlos da Maia, embasbacando Lisboa com o seu ar de grande senhor, merecendo honras de notícia no *high-life* do Diário Illustrado. Porém a sua elegância não foi a do «poseur», nem a sua vida a do *diletante* dissipador e inútil que Eça de Queiroz critica no seu herói. Pelo contrário, ao longo dos 78 anos da sua existência, não escassearam os momentos de entrega às obras de civilização, nem os projectos de fecundas consequências para a sua Casa e para a terra do seu berço.

Escravo da pragmática do *self-respect*, impunha respeito a quem com ele privava. Mas esse respeito não inibia os outros nem os afastava do seu convívio. É que possuía também o dom raro de inspirar os sentimentos da mais sincera amizade, palpável, aliás, nas cartas que lhe dirigem seus filhos, irmãos,

⁵ *Ibid.* Júlio de Castilho, nas suas Memórias de Castilho (2.ª edição, vol. V, p. 164, Coimbra, 1932), confirma este retrato de José do Canto dizendo dele que era «um mancebo (...) com aparência muito distinta, loiro, levemente arruivado, barba curta, alto, e de primoroso trato».

sobrinhos e amigos e que confirmam particulares dotes de simpatia pessoal e de bondade.

Bem sabemos que faziam parte dos hábitos do tempo as fórmulas de cortesia que minuciosamente se cumpriam. A teia das relações sociais, mesmo entre parentes próximos era, há cem anos, ao mesmo tempo, mais cerimoniosa e mais calorosa. Mas para além dos costumes e das fórmulas, são inequívocos os testemunhos de verdadeira estima que ressaltam da correspondência que tivemos entre mãos e que podíamos abundantemente documentar aqui.

É evidente que não é fácil reconstituir uma personalidade a tal distância no tempo. Já não estão vivas ou eram então muito crianças as pessoas que conviveram com um homem que faleceu em 1898. Por outro lado sabemos como o tempo e a morte transfiguram a realidade. Uma personalidade, porém, projecta-se naquilo que faz, naquilo que escreve, na impressão que produz. Cartas como a que se segue, do poeta Joaquim de Araújo⁶ já revelam alguma coisa da intimidade que procuramos captar:

«Estava num certo cuidado pelo silêncio de V. Ex.^a e se este paquete me não trouxesse carta sua, dirigir-me-hia a outrem sollicitando as suas notícias. Felizmente que estas vieram, senão boas, ao menos melhores do que as que o anterior paquete me poderia ter trazido. Oxalá que no imediato correio ellas se completem com as de um prompto restabelecimento. Ninguém mais do coração lho deseja: vel-o doente é, além de tudo, perder estes momentos de conversa que lhe consagro e que V. Ex.^a amorosamente me retribue».

Ora isto não nos parece um testemunho de convencional polidez, de mera observância das regras sociais. Para cumprir aquela e estas, mais não bastariam que duas linhas de correcto

⁶ Cônsul de Portugal em Génova e assíduo correspondente de José do Canto.

português usando as fórmulas comuns na época. Na verdade, Jacaím de Araújo, com intuição de artista descobrira, no seu amigo açoriano, uma natureza irmã da sua. Embora tivesse escrito: «nunca em minha longa vida fiz um verso, apesar de ter lido imensa quantidade deles»⁷, José do Canto tinha uma especial apetição por tudo que toca a imaginação e a sensibilidade. Não falando no seu sincero amor pelos poetas, noutra lugar⁸ suficientemente documentado, foi um apaixonado criador de Beleza nos seus maravilhosos parques e jardins e no romântico templo de Nossa Senhora da Vitória, pequena e delicada jóia de pedra que espelha o seu perfil melancólico nas águas da Lagoa das Furnas e guarda os seus restos mortais.

Na Correspondência, reflexo dos seus sentimentos, surpreendemos aqui e ali, num gesto, num desabafo, num comentário, as raízes escondidas do seu modo de ser. Escrevendo às irmãs, de Paris (em 10 de Setembro de 1867), depois de exprimir o vivo interesse e prazer com que tinha recebido notícias da Ilha e da Família, advoga com calor e emoção o caso do mestre Manuel, velho marceneiro de sua Casa, ligado às suas recordações de infância. Respondendo a queixas de sua irmã Maria Libânia a quem dá *toda a razão*, diz:

«... ninguém melhor do que eu pode dar testemunho das febres que elle faz crear, e dos prejuizos que por seus descuidos causa. Tudo isso é verdade e muita verdade, e talvez lhes admirará que à vista disto eu me metta nas suas mãos? A razão é simples. O M.^o Manuel vio crear-nos e talvez fizesse alguns carrinhos em que déssemos por essa vinha os nossos passeios; tem assistido zeloso a todas as festas e mágoas da nossa família, tanto quando algum de nós veio ao mundo, como quando tem sido necessário restituir-nos à terra; a sua amizade nunca n'estas grandes occasiões se desmentio, e é uma

⁷ V. «A Actualidade», n.º 42, de 24/VII/1898.

⁸ Referimo-nos ao estudo, em preparação, *José do Canto Vivo — Subsídios para a História Micaelense*.

cousa hoje tão rara estas antigas testemunhas da nossa vida doméstica, que as respeito, e soffro antes os defeitos do génio e da idade, do que deixar de conservar estas tradições tão saudosas. Perdem-se uns centos ou contos de reis, soffrem-se contrariedades de ordem maior, mas o coração fica satisfeito com esta fidelidade d' affecto (...).

Estas mesmas disposições generosas e de escrupulosa honestidade se patenteiam em outras ocasiões, como quando escreve sobre o assunto da Doca de Ponta Delgada:

«Tudo o que eu desejaria ponderar, era a inconveniência do systema de suspeita e desconfiança a respeito de todos os empregados estrangeiros, que o Presidente da Commisão inaugurou. Conheço o Felix da escolla, faço-lhe completa justiça, acreditando que n'este seu proceder não há pensamento reservado, mas tem havido de certo da sua parte muita imprudência na maneira por que em público e particular, diante de amigos e estranhos, tem falado de pessoas a quem elle tinha obrigação ou de acusar officialmente, ou então de lhe dar força moral, e nunca de os desacreditar sem fundamento, tendo mais do que ninguém os meios de verificar a realidade das acusações». Em seguida acrescenta, comprovando as suas asserções: «Diante de mim o ouvi em bailes e serões, achincalhar e accusar das mais graves faltas, Mr. Plews, Mefre e Rigby, e mesmo Rennie. E n'outras occasiões mais sollemnes o ouvi usar de uma lingoagem não menos comedida. Quando o público em geral sabe que o Presidente da Junta, que melhor que ninguém deve saber de tudo o que se passa, se expressa em termos tão desabridos, que deve pensar senão, que toda aquella gente é uma corja de ladrões e de ignorantes?».

Ao recto juízo e à elegância moral aliavam-se sempre, em José do Canto, o fino sentido do que convém fazer:

«Que ganha o público com esta lingoagem? — continua ele. Ficar desconfiado de tudo e de todos; e a

obra ganha o ser dirigida por homens desacreditados e sem força moral necessária para levarem a cabo empresas d'estas (...). Que ganha a Junta? recrescerem-lhe as dificuldades». E a concluir diz: «Ao Rigby, não conheço nem vi nunca. A Plews visitei-o no segundo dia da minha chegada, não me visitou, nem nunca mais me fallou a mim, nem eu a elle. Com Rennie tenho falado, quando o serviço público me tem a isso obrigado». E depois de assim estabelecidos os fundamentos da sua isenção, visto a nenhum deles dever «um só favor, nem civilidade sequer», perguntava: «mas authoriza-me isso a diffamal-os? Nem mesmo com fundamento, procede assim nenhum homem que se estima!»⁹.

Tudo isto é contado a um amigo íntimo, José Jácome, a quem ele não tinha neccssidade de fazer alarde e propaganda dos seus escrúpulos de consciência. Por isso o interesse do documento.

Em outras ocasiões se confirma sobejamente os traços fundamentais deste perfil de homem, como, por exemplo, quando nos conta os pequenos incidentes que em Paris o indispueram com António Borges¹⁰, episódio sem grande importância e sem consequências sérias, mas bastante revelador das delicadezas de alma e da fina educação que caracterizavam José do Canto¹¹.

E se uma carta escrita de longe, carregada, embora, da affectividade que a saudade da Pátria distante faz nascer, se uma carta assim pode ajudar a desvendar uma natureza íntima, aqui a incluímos e a deixamos à ponderada apreciação de quem a ler. Foi dirigida de Paris, ao mesmo querido amigo, José Jácome, e tem a data de Dezembro de 1863. Dela se extrai o seguinte passo:

«...mas o que me restabeleceria completamente ao meu antigo vigor seriam umas férias absolutas (...)

⁹ V. *Cartas particulares do Sr. José do Canto aos Srs. José Jácome Corrêa e Conde de Jácome Corrêa*, Ponta Delgada, 1915.

¹⁰ Outro grande apaixonado por plantas exóticas e pelos problemas da aclimação.

¹¹ V. *Ob. cit.*

ver e examinar as plantinhas, classificá-las, descobrir algumas novas que, introduzidas, possam ser úteis ou elegantes, bordejar num bote, fazer as minhas excursões no campo e passar de vez em quando meia dúzia de dias subindo e descendo vales; variar a minha leitura entre alguma crónica antiga e um volume de boa e verdadeira poesia, edificar um pouco sem nenhuma das quesílias que as obras na nossa terra dão; jantar na companhia de bons amigos, descansar os serões em convivência fraterna e recordar cenas da infância, ou a fazer projectos de futuro; não ter nem pensar em demandas; paz doméstica, consciência tranquila, ajudar o próximo e não saber nunca em que se há-de empregar o dia de amanhã, eis aqui um belo ideal». (*Cartas particulares de José do Canto a José Jácome*, Ponta Delgada, 1915)¹².

Este ideal de vida podia servir de programa a um humanista do *Cinquecento*. Descontadas as circunstâncias em que foi escrita (aliás as mais propícias para revelar um homem a si-mesmo) tem não só a dimensão do Homem de todas as latitudes, como também o sabor particular da alma insular no exílio, mais aquilo que a cultura e a educação lhe deram por acréscimo. Ali há de tudo: as curiosidades do naturalista e do coleccionador, as exigências do esteta, o entusiasmo da Natureza e dos livros, o sentimento bem português das coisas simples, o afecto do lar acolhedor e amigo ...

De resto, este apego ao lar original, parece fazer parte integrante do seu ser profundo. É de notar que, ainda adolescente, enviado a França a frequentar o Colégio de Fontenay-aux-Roses, por lá foi acometido de negra melancolia que o obrigou, de urgência, a voltar à terra natal, só aqui encontrando a cura para o estado de doentia prostração a que chegara. O passo da carta em referência: «... mas o que me restabeleceria completamente ao meu antigo vigor seriam umas férias absolutas ...» (na terra natal, como é evidente) parece ser o eco de uma

¹² V. Nota 2 (Apêndice).

reacção, no fundo, semelhante à de outrora, revelando uma constituição especialmente sensível à mudança de meio, acusando a dificuldade de adaptação que o ilhéu acusa sempre quando posto em contacto com os costumes estranhos e com as terras que não são suas ... apesar da vontade constante de partir que o caracteriza.

Num pequeno opúsculo que deu à estampa em 1852, procurando justificar a sua recusa ao convite que a maioria do Colégio Eleitoral e muitos dos seus patrícios lhe fizeram para deputado, José do Canto exprime-se nestes termos e ainda na linha dos sentimentos que definimos: «... encontrarei mais sinceras e profícuas inspirações a favor da pátria, no remanso da minha família, do que no turbilhão da Capital, longe d'amigos e afastado do quotidiano espectáculo de nossas precisões»¹³. E isto ganha sentido claro depois do que se disse.

Ao contrário de seu irmão Ernesto do Canto, o ilustre historiógrafo que ocupou, podemos dizer, quase todos os lugares da Administração Pública no distrito de Ponta Delgada, José do Canto foi um homem avesso a cargos de representação pública que eram a seus olhos, um castigo, «contrariando, na parte mais sensível do meu carácter, todos os meus propósitos e inclinações», como ele próprio confessa no referido opúsculo¹⁴.

¹³ *Aos Michaelenses que pretendiam eleger-me deputado*, Ponta Delgada, 1852, p. 15.

Ainda em outras páginas que escreveu reflecte os mesmos sentimentos: *... eu quando dormia no meu ninho levado, sem o sentir, pela suave corrente da minha pacífica vida, todo embebido nas afeições que me rodeiavam, no estreito círculo do repouso doméstico; (...) no meu leito de rosas esqueci que sofrimento padece o ausente (...) eu sim, eu que tudo o que é pensar na minha terra é prazer e allívio (...)* (Carta de Coimbra, 19 de Abril de 1841 in *Cartas Particulares do Sr. José do Canto aos Srs. José Jácome e Conde de Jácome Corrêa, 1841-1893*, Ponta Delgada, 1915).

¹⁴ Foi, todavia, procurador à Junta Geral do Distrito em 1857.

Razões como a decadência extrema das finanças do país, a anarquia social, a desonestidade dos governantes, aliadas a motivos de ausência de dotes pessoais que modestamente invoca, lhe pareciam argumentos suficientes para escusar-se a tais cargos. Porém, mais fundas, podemos lobrigar nas entrelinhas desta justificação pública outras e mais complexas razões — as já admitidas e apontadas: aceitar o cargo de deputado era meter-se no horror do turbilhão da grande cidade e da política que lhe exigiriam inevitavelmente o afastamento dos seus familiares, dos seus hábitos caseiros, dos seus amigos, dos ares lavados dos seus campos e (porque não dizê-lo?) dos seus negócios de lavrador rico. O hábito das madrugadas junto dos seus homens de lavoura, percorrendo a pé as suas propriedades, gostando de sentir a paz do campo, não se podiam coadunar com a vida agitada de uma Lisboa sacudida pelos movimentos de rua, pelo enredo das maquinações políticas e das infindáveis arengas da Câmara, tão contrárias ao seu feitio intimista e ordenado, mais dado à leitura dos poetas e às tarefas gratas do colecionador de plantas e de livros.

Vivendo em Paris o tempo suficiente para apreender o essencial das tendências e das convicções do europeu do séc. XIX, suficientemente informado para compreender que um dos problemas capitais da sua época era o da salvaguarda do Homem e da sua dignidade, José do Canto mostra-se capaz de uma avaliação segura dos perigos que, para o equilíbrio e felicidade dos homens, representavam o progresso desregrado das invenções e a busca generalizada de um utilitarismo puramente material.

Reagindo ao ritmo de vida cada vez mais acelerado que já nota no seu tempo, profeticamente anuncia nestas palavras, escritas em 1867, o que virão a ser os sentimentos e as apreensões dos homens do século XX:

«Viémos ao mundo n'um século de tranzição, que nos obriga ao duplo ou triplo do trabalho intellectual e dos cuidados que tiverão nossos paes, e isto simples-

mente para seguirmos de longe o progresso do século. É desta superexcitação que nos vem os nossos achaques; porque a nossa máquina foi feita para uma certa somma de trabalho, e tudo o que excede esse limite natural, causa estragos na economia, e principalmente no systema nervoso em dependência mais directa do cérebro, que só podem ser reparados até certo ponto por uma abstenção completa da acção. A raiz do mal e o remédio, são sem dúvida estes que aponto. Mas o mal já está feito, sem o termos percebido, e o remédio só o poderia haver, se ainda os conventos de frades existissem, e nos resolvessemos a passar alguns annos de vida monástica, cessando assim todas as responsabilidade Moraes que nos firão»¹⁵.

Mas a prossecução de tal ideal de serenidade e de recolhimento mostra-se, a seus olhos, praticamente irrealizável. Perante a monstruosa engrenagem que se prepara, não pode deixar de sentir a completa impotência ao dizer que «continuar a existir em sociedade, e na sociedade actual, e esperar ou calcular com o precioso socego, é como alguém que largando uma pedra do alto d'uma montanha, tivesse a pretensão de a fazer parar no meio da carreira». Impossível, portanto, tentar fugir ...

Por tudo isto se poderá avaliar o quanto lhe teria sido penosa, por vezes, a sua prolongada residência em Paris, ainda por amor dos filhos, não suportando a ideia de os ter longe do lar e entregues às dolorosas experiências de uma acomodação em país estranho que ele bem conhecia da sua juventude. E não resiste em confessar aos amigos mais íntimos o que lhe vai na alma, na busca ansiosa de um alívio: «... não imaginas a melancolia que se apodera de mim», escreve a José Jácome. Sofre com os ásperos invernos de Paris onde o frio glacial, o céu sombrio e as árvores despidas e crestadas, lhe provocam acessos de negra tristeza: «... a minha alma voa para essas regiões afortunadas em que nascemos, aonde a natureza é risonha, sem diferença de estação, e em que a Providência se mostra tão

¹⁵ V. *Cartas Particulares* ...

benigna no meio do verão como no rigor do inverno! Paciência! Não toquemos em chagas muito antigas (...).»

Infelizmente ainda lhe faltam alguns anos para o regresso e não suporta estar permanentemente ausente. Durante esse longo período de quase 14 anos, muitas vezes foi a S. Miguel, em negócios, sim, mas também a mitigar as saudades da Ilha-mãe, tão profundamente enraizada no seu sentir.

Por carta da mulher ¹⁶ para a cunhada Isabel do Canto, se desvenda um pouco mais o que foi esta estadia na capital da França. Talvez com algum exagero, Maria Guilhermina do Canto Brum diz:

«O Primo ¹⁷ tem passado bem mal todo o inverno; (...) sempre triste e magro, com o cuidado nos doentes, e quase sempre com dores de barriga e de estômago, mesmo sem comer nada que lhe pudesse fazer mal (...); sempre com o sentido das cartas que háde receber, se são boas notícias, fica mais alegre se são más fica logo com desarranjos de barriga, e mal do estomago e aborrecido e frenético com tudo que é uma tristeza e agonia vel-o (...).»

Este estado de espírito coincide perfeitamente, aliás, com o que escreve de Paris em 8 de Julho de 1859: «Contar-lhes o que faço? Não faço nada. Vivo n'uma grande languidez e aphantia ...».

É verdade, também, que em Paris não viviam em condições ideais — o que decerto contribuiria para explicar essas crises de depressão e o mal-estar do casal. Maria Guilhermina, num P. S. desabafa:

«... sem gostar nada da casa, porque mesmo não tem comodos como nós precisamos» — escreve. E depois: «... não a achava muito cómoda por causa de

¹⁶ Enviada de Paris na Primavera de 1860. (V. espólio do Dr. E. Rego).

¹⁷ Tratamento dado ao marido.

¹⁸ Aqui palavra ininteligível mas que talvez seja «cour», páteo.

ter uma (?...) onde se depositava as porcarias da cozinha e que todos os 15 dias é preciso despejar e é um fedor por toda a casa que nós já infelizmente temos a experiência porque n'esta casa onde estamos é assim (...) tão bem achava que se estivéssemos doentes ali avia de ser bem incomodo pela razão de ter o caminho de ferro ao pé e ser uns guinchos insuportáveis (...).¹⁹

Sabemos que no período de Paris não habitaram sempre esta casa de Auteuil. Mas como quer que fosse, é evidente que a vida não tinha ali os requintes e as comodidades a que estavam habituados na longínqua terra natal. Claro que isso deprime e faz sofrer e leva a desejar de modo particularmente intenso o regresso ao lar.

Depressão é uma designação geral que serve para classificar toda uma série de estados particulares que vão da neurastenia passageira à esquizofrenia. Não vamos exagerar e afirmar, de ânimo leve, que José do Canto sofresse de algum daqueles transtornos que os psicólogos tanto gostam de enumerar e de caracterizar nos seus tratados. Todavia, pelos documentos que tivemos entre mãos, nos parece tratar-se de uma natureza complexa, ora fechado em si-mesmo, desejando acima de tudo a paz do seu gabinete, vivendo todo para as intimidades domésticas, para a leitura dos seus poetas; ora na disposição de agir, instruindo, edificando, levado por uma exigência de racionalizar a acção e de melhorar a qualidade da vida, embelezando-a, enriquecendo-a, tornando-a mais fácil. De resto, a contradição e os extremos estão onde está o homem ...

O testamento que redigiu a 27 de Junho de 1862, vem acentuar as linhas deste retrato de um homem vibrátil, capaz de comoção, em que há uma ponta de sentimento romântico, aliás tão ao estilo da época. Leia-se por exemplo, esta passagem:

«A campa que pousa sobre os ossos de um Pae, não se esquece, mas se minha Esposa ou filhos a quizerem assignalar, não ponhão n'ella outro destintivo mais do que uma cruz rústica entre algumas plantas agrestes».

¹⁹ Outra passagem da carta citada.

E, novamente, o apego à terra do seu berço:

«Se a Providência destinar que eu faleça longe de meu lares, peço que conduzão os meus restos para a terra de meus Paes».

Mas, no resto, alguém que sabe de negócios, senhor de uma linguagem que não deixa dúvidas, atento a todas as possíveis eventualidades, prevendo-as, dando-lhes respostas adequadas, frio e correcto como um homem que compõe o seu livro de Deve e Haver:

«Quando meus filhos entrem no disfructo de minha terça, quer por serem todos maiores na ocasião do obito de sua Mãe, quer por ter cessado a administração com a maioridade do último d'elles, seguir-se-ha a seguinte ordem: — Todos os dous annos escolherão meus filhos um d'entre si, para administrar a dita terça e arrecadar os seus rendimentos; e o producto liquido d'elles será no fim de cada anno civil impreterivelmente repartido em partes eguaes por todos os meus filhos vivos sob pena de perder aquelle meu filho que administrar a referida terça, e não cumprir fielmente esta determinação, a quota parte que nesse anno lhe tocaria; a qual reverterá a favor de todos os outros meus filhos»²⁰.

Um filho, António do Canto Brum, amargurou-lhe grande parte da vida, sobretudo na fase final.

Era interessante fazer um estudo do carácter deste membro da Família Canto, mas não é este agora, propriamente, o propósito que nos conduz. Todavia, sempre diremos que desde cedo se mostra muito diferente do irmão José²¹ que era dócil, apli-

²⁰ V. espólio do Dr. E. Rego.

²¹ Este filho de José do Canto, a partir de fins de 1872, foi acometido por crises de loucura. A este propósito se referem os documentos da Nota 3 (Apêndice).

cado e sociável. Nas cartas que José do Canto escreve de Paris na década de 60, ao tempo em que António do Canto frequentava um colégio de rapazes, já há desabafos frequentes:

«O António tem crescido muito pouco, mas vae bem de saude, se a preguiça não é doença. Ultimamente estava reduzido a não fazer nada e foi preciso renovar com elle a lucta que tinha suspendido, com manifesto beneficio da minha saúde. O caso é que elle já teve a habilidade de me fazer derreter as carninhas que tinha ha duas semanas; mas a trôco pôde sahir hontem, 4.^a feira, por obter a sua média de notas, cousa que ha muitas semanas não acontecia, sem que lhe fizesse impressão o Josézinho sahir todas as 4.^{as} feiras, e elle ficar lá (...)»²².

Nas *Cartas Particulares*, na pág. 121, José do Canto traça o perfil desse seu filho mais velho nesta eloquente síntese:

«O António, de todos os meus filhos, é o que me tem consumido maior somma de disvellos com menor resultado aparente (...). A sua bossa dominante é a independência; revoltou-se desde a infância contra toda a authoridade, contra toda a regra, e só à força de perseverança se tem sujeitado às fórmulas sociais, e deveres domésticos. O que tenho conseguido não é sólido; 15 dias de convivência com rapazes esturdios, nem tanto, bastariam para os seus instintos se revelarem com violência igual à compressão que tem tido; mas se as circunstâncias permitirem que eu o acompanhe por mais alguns annos e se elle for bem sucedido nas suas primeiras provas litterárias, tudo isso consolidará a obra artificial da educação. Elle tem uma boa intelligência, é muito perspicaz, tem um grande amor de glória ou elevação, mas estas boas e decerto grandes qualidades são destruidas pelo seu espirito de rebeldia, por um excesso de amor-próprio, e por uma certa indolência meridional, que lhe não permite a perseverança nos seus bons Propósitos».

²² V. espólio do Dr. E. Rego.

Costuma-se ler nos livros da especialidade que uma criança perversa é uma criança pervertida pela falta de compreensão e de amor. No caso de António do Canto, não parece ter acontecido assim. O Pai mostra-se um homem sereno e lúcido, suficientemente reflectido nas coisas da Educação e bastante perspicaz para, conhecendo o fiho, esforçar-se por aplicar-lhe a terapêutica conveniente com o comedimento, a persistência e o interesse que só podem ser filhos do amor.

Mas de pouco lhe valeu tal dedicação. É este filho quem, mais tarde, abandona a casa paterna com fundo desgosto do pai. Desse episódio temos notícia por uma carta de J. do Canto²³:

«Não tenho nada a observar-te, sobre o teu intento de queres habitar a ilha do Fayal, do que a terra onde nasceste (...). O que me parece ver em tudo isto é a prosequção de uma ideia fixa que te domina — a de viveres fora do teto paterno, cousa que de certo te é hoje lícito, podendo legalmente dispor da tua pessoa, e a que eu não posso nem desejo opor-me directa nem indirectamente, mas para que tão bem não concorrerei quando não aprovar.

Na primavera de 1865, quando eu começava a convalescência de uma moléstia mortal, escreveste-me uma carta insolente, para saihres para fora da casa de teus paes. No Outono d'esse anno fugiste d'essa mesma casa, que parece aborreceres pelo unico facto de n'ella se manter ordem e disciplina, deixando a tua família na mais cruel anciedade, sem teres a pia lembrança de poupares os teus aos mais graves receios, deixando uma palavra que os tranquilizasse ao menos sobre o facto da tua existência ...».

Este «filho familia», cheio de tendências incivis, é nitidamente o tipo do «novo bárbaro» que o século XIX, iconoclasta, ajudou a gerar e que acentua os seus defeitos no tempo em que vivemos. A civilização do século passado, toda voltada

²³ De Paris, 23 de Abril de 1868. (V. espólio do Dr. E. Rego).

para a ciência e para a técnica, criou a abundância e a facilidade e isto fez perder de vista, à geração dos novos, o significado que para o tampo da vida tem o esforço árduo, as dificuldades de vida, a limitação dos recursos.

Abundância e facilidade conheceu, naturalmente, António do Canto Brum no seio de sua família — apesar da disciplina a que o pai o procurou submeter e do consciente e sincero esforço que empreendeu na tarefa da sua educação. As circunstâncias, porém, ultrapassaram este pai diligente e devotado: António do Canto acusava evidentes desequilíbrios, intolerância a qualquer forma de disciplina, insuperável indolência e mesmo apatia na acção, os defeitos típicos do bem-nascido e que ainda por cima informa e amadurece a sua adolescência no seio da grande Paris, cidade então agitada por rebeliões e irreverências de toda a espécie.

Até que ponto essas formas de aculteração europeia deram o seu contributo para as transformações verificadas nos costumes de um certo estrato da sociedade micaelense do séc. XIX, é ainda assunto para se estudar. Se ajuntarmos estas heranças da velha Europa às provenientes do Novo Mundo americano, canalizadas estas pela massa migratória dos malquistos da fortuna, estaremos, talvez, dentro do abstracto que compõe as formas de vida e de mentalidade desta encruzilhada geográfica que se chama os Açores.

Enfim, como quer que seja, no que toca a José do Canto, temos alguém que respeita os valores em que fora educado, mas também um homem aberto ao evoluir dos tempos — de modo nenhum o tradicional «pai tirano», truculento e implacável, ligado aos «ídola fori» consagrados pela gente da sua classe:

«... Não te reclamei quando fugiste — continua na mesma carta — porque assim como nunca expulsaria um filho, tão bem nunca o obrigaria a entrar no lar doméstico, que lhe repugna. Recebi-te n'essa mesma casa que poucos dias antes evitaras, porque assim quizesse; e fi-lo sem uma exprobação, sem a exemplar punição que o caso merecia. A maneira por que pro-

cedi, sendo tu menor, indica claramente qual será o meu procedimento sendo tu maior (...)».

E remata:

«Do mesmo modo nunca a minha porta se fechará a qualquer dos meus filhos, seja qual for a natureza, ou a gravidade das suas sem razões, se a mão da adversidade os compelir a procurar na casa de seus pais o abrigo que lhes escassear fóra. A única condição, e inútil de especificar, é que nella se respeitem as pessoas, os são princípios e a ordem.

Tendo estabelecido a minha maneira de pensar em tão transcendente matéria, e o modo por que hei-de sempre proceder, compete ao meu filho adoptar e seguir o que mais lhe convier, restando-me só dirigir à Providência votos sinceros para que o encaminhe por vias seguras, e o torne tão feliz e próspero, como pode desejar para si próprio

Teu Pae verdadeiro

José do Canto».

É um longo documento este, mas suficientemente eloquente para completar a imagem do homem que vimos definindo. Sente-se ali o desgosto provocado pela atitude do filho, mas não há um insulto, uma dissonância de gosto duvidoso, uma violência que inferiorize. Estamos perante um homem magoado na alma, mas perfeitamente capaz de dominar as emoções e dizer a palavra exacta no momento oportuno.

Já no fim do existência, doente e só, faz vida recolhida na sua casa de Santa Ana, afastado do convívio das salas e do borborinho das reuniões sociais. Para quem, como ele, cultivava com fervor a vida de família e as relações de amizade, como teria sido duro esse isolamento no meio dos fantasmas dos que ele amara — a mulher, os irmãos, o amigo dilecto, José Jácome Correia — todos já levados pela morte. Restavam-lhe ainda alguns irmãos (entre eles, o ilustre Dr. Ernesto do Canto), os filhos ... Mas um deles, o José — que fora brilhante estu-

dante em Paris e se licenciara na Sorbonne — estava inutilizado, atingido então de graves perturbações mentais.

Com que é que um homem fica no fim de tudo? No limite das sombras, às vezes brilha uma claridade em que se é quase feliz. Vivendo como vivem os velhos — das recordações do passado — essa existência recolhida não foi de modo nenhum inactiva. Longe disso. Numa derradeira concentração de energia ainda vai encontrar forças para preencher os ócios com uma ocupação digna das suas exigências intelectuais, quer dizer, relendo Camões, mas agora com o fito de concretizar um projecto — talvez um velho projecto — a saber: a organização de um monumental índice de toda a sua preciosa colecção de Camões, trabalho que não se fica pela simples catalogação, como à primeira vista poderá parecer pelo título.

Assim nasceu a sua obra escrita mais importante — *A Colecção Camoneana* — formosa edição em papel cartonado, com mais de 360 páginas e exactamente 4.206 comentários de notável erudição.

No Preâmbulo desta obra, o autor, referindo-se à génese do seu trabalho, conta:

«Nascido em 1820, atravesso a decadente quadra da vida em que todas as faculdades tendem à inacção, não sendo tal momento o próprio para árduas empresas.

Carecendo, porém, de momentânea folga a pungentes e saudosas recordações, intentei, nos longos serões do penúltimo inverno, o absorvente trabalho de coordenar os meus haveres camoneanos. Antes que chegue o próximo dia do repouso, e que o meu pequeno thesouro se disperse, quiz enfeixar os nomes de quantos em minhas estantes encontrei, alcando a voz débil ou vigorosa, em glorificação do poeta justamente admirado (...).

E depois de exprimir a exaltada admiração que o liga a Camões, remata deste modo:

«Que a singela offerenda seja grata à memória do Poeta, e prove que o venerei».

Assinado em Ponta Delgada, no dia 1 de Maio de 1894.

Quatro anos depois, no dia 10 de Julho de 1898, falecia em Ponta Delgada este esforçado micaelense, aos 78 anos de idade, uma vida longa de apego à família e à terra do seu berço que deixou mais próspera e mais bela. Talvez neste itinerário íntimo que acabámos de esboçar, não tivesse ficado suficientemente destacada uma das facetas do seu perfil de homem civilizado: o seu culto apaixonado pela beleza, manifestado em tantas das suas iniciativas e dos seus gestos criadores. Foi assim que o rei D. Fernando se lhe referiu, ao receber uma comissão de micaelenses ²⁴:

«Conheço José do Canto — disse o rei. Sou-lhe muito grato. Mandou-me um presente de príncipe: uma grande variedade de plantas raras, avultando as de chá».

Não era o ouro o que considerava digno dos príncipes, mas os tesouros do seu jardim — e isto, esta legenda, poderia figurar como um epitáfio eloquente no mármore do seu túmulo.

Este o José do Canto íntimo.

²⁴ Comissão que em 1881 se deslocou à capital a angariar fundos para acudir às vítimas do terramoto da Povoação.

A P Ê N D I C E

NOTA 1 — O testamento de José do Canto, feito a 27 de Junho de 1862, nas vésperas de uma viagem a Lisboa, foi encontrado por D. Beatriz Canto e seu irmão, o escultor Canto da Maia, entre os papéis da Família.

Eis a passagem a que nos referimos:

«Rogo enfim que sejam tão bem lançados à minha terça todos os meus livros impressos ou manuscritos, e quaisquer papéis particulares que se encontrem. A conservação e accomodação d'estes livros será feita à custa do rendimento da terça, se necessário for; e não poderão ser dados, vendidos, nem distrahidos, em quanto viver um só de meos filhos. A todos incumbo de combinarem entre si, por maioria de votos, o destino que depois da morte do último, se deve dar aos Livros de modo que não se dispersem e inutilisem havendo sido coligidos com muito dispêndio e trabalho meo».

NOTA 2 — Há uma outra carta anterior, do ano de 1861, também de Paris, onde exprime os mesmos sentimentos e ideal de vida. Dela, esta passagem:

«O que eu peço a Deus é que me deixe cumprir a educação dos meus filhos, e arranjar-lhes alguma coisa que comão independentes e depois que me deixe estar num cantinho da minha terra, cultivando a amizade da minha cara família, com algumas horas vagas para ler um bom livro, e podar uma árvore, ou semear uma couve. É a minha ambição, e com ser modesta, não é das mais fáceis de realizar, por em quanto».

NOTA 3 — Numa carta para seu filho António do Canto, dá notícias do doente que dava mostras de melhoras, «embora a sua inteligência, em certos intervalos deixasse a desejar ...».

Depois ajunta: «Nada de notícias políticas. Das outras, sê juiz, mas nada que o possa abalar (...). Nós vamos andando — uns dias animados, outros afflictos, e quase sempre a vencer embaraços sérios n'uma moléstia d'aquella ordem».

(V. espólio do Dr. E. Rego)